

Petrolina
5
9365



RURAL

RURAL

RURAL

Cancrio Bacteriano da Videira, Causado Por *Xanthomonas campestris* pv. *Viticola* - 1ª Parte

Por: Mirtes Freitas Lima
Eng. Agr.º. M.Sc. Fitopatologia, Pesquisadora da Embrapa
Semi-Árido Caixa Postal 23
CEP 56300-970, Petrolina-PE
E-mail: mflima@cpatsa.embrapa.br

Artigo de jornal
Divulgação na mídia

O Submédio do Vale do Rio São Francisco, com o Polo de Irrigação Petrolina - PE/Juazeiro - BA, apresenta condições favoráveis ao cultivo da videira, sendo a principal região produtora e exportadora de uvas finas de mesa do país. Essa região possui uma área plantada de 4500 ha, dos quais 4000 ha encontram-se em fase de produção. A implantação de perímetros irrigados nessa região favorece a expansão da fruticultura. Entretanto, em decorrência da intensificação das técnicas de produção e da expansão das áreas cultivadas, surgiram problemas fitossanitários nessa cultura, entre os quais, o cancro bacteriano.

No Brasil, até o ano de 1997, apenas a ocorrência de galhas, causada pela bactéria *Agrobacterium* sp., havia sido relatada em videira. Entretanto, no início do ano 1998, a doença conhecida como cancro bacteriano causado pela bactéria *Xanthomonas campestris* pv. *viticola* (Nayudu) Dye, foi detectada em parreirais no Submédio do Vale do São Francisco. Essa doença é a primeira bacteriose detectada com incidência expressiva nessa cultura no Brasil. No período 1998-99, essa doença foi detectada em parreirais dos municípios de Petrolina e Santa Maria da Boa Vis

ta, no Estado de Pernambuco, nos municípios de Curaçá, Casa Nova, Sento Sé e Juazeiro, no Estado da Bahia e, também, no Estado do Piauí. Entretanto, nesse último estado, a doença já pode ter sido erradicada, considerando que os plantios infectados foram eliminados. Há uma suspeita de que esta doença já estava presente na região, nos anos de 1996/1997, sem, entretanto, ter sido detectada. A distribuição geográfica de *X. campestris* pv. *viticola* limitava-se à Índia, até o ano de 1998. Neste país, a doença foi relatada, em 1972, infectando plantas de videira (*Vitis vinifera*) da variedade Ahnabi, entretanto, sem causar grandes prejuízos. Na Índia, observou-se que variedades sem sementes eram mais suscetíveis que aquelas com sementes e, entre estas, as cultivares tintas foram mais sensíveis à doença que as brancas.

Os sintomas da doença em plantas infectadas são manchas pequenas e escuras (1-2 mm de diâmetro), com ou sem halo amarelado. As manchas podem apresentar-se distribuídas na região próxima às nervuras ou, ainda, dispersas na folha. Com o desenvolvimento da doença, essas manchas coalescem, causando a

morte de grandes áreas de tecido foliar. Ainda em folhas, são observadas manchas de coloração parda, próximo às margens da folha, caracterizando a entrada da bactéria pelas margens da folha. Em ramos e em nervuras e pecíolos de folhas, surgem manchas escuras, que, mais tarde, resultam na formação de cancrios, que são fendilamentos longitudinais de coloração negra.

Em corte longitudinal de ramos infectados, principalmente, próximo à região onde se situam os cancrios, verifica-se uma pequena extensão de descoloração vascular. Em inflorescências ocorre necrose e os sintomas podem surgir a partir da extremidade em direção à base. Na ráquis ou engajo dos cachos, ocorrem sintomas similares aos observados em ramos, com a formação de cancrios. Em bagas, podem ocorrer lesões escuras. Em cachos já formados, observa-se murcha de bagas, após necrose da ráquis e de pedicelos. A intensidade dos sintomas varia por *X. campestris* pv. *viticola* varia, segundo o nível de tolerância da variedade à doença e segundo as condições ambientais.

Os principais prejuízos

verificados, em variedades suscetíveis à doença, são redução na produção e comprometimento de ramos produtivos, devido à necessidade da realização de podas constantes e, às vezes, severas, visando a eliminação de ramos doentes. Plantas infectadas, geralmente, produzem cachos com sintomas de cancro no engajo, o que inutiliza os frutos para a comercialização.

As variedades mais sensíveis à doença em campo foram Red Globe e aquelas sem sementes, principalmente, aquelas originadas de 'Thompson seedless', nas quais a doença causou prejuízos de 10 a 100%. Nas variedades de copa Itália, Festival, Brasil, Piratinga, Patrícia, Benitaka, Ribier, Superior e Catalunha e no porta-enxerto Tropical IAC-572, também, foram verificados sintomas da doença, entretanto, com incidência variável. Os sintomas da doença foram observados em plantas de variedades suscetíveis após a primeira poda, na floração, início da frutificação, raleio de bagas e, também, na maturação dos cachos e na fase de repouso, entretanto, sempre associados à ocorrência de chuvas no período. Em condições de inoculação artificial da bactéria em mudas de videira da variada



Divulgação

de Red Globe, sintomas característicos da doença foram observados 12-14 dias após a inoculação.

No período de 1998 e 1999, foram analisadas 358 amostras de plantas de videira no Laboratório de Fitopatologia da Embrapa Semi-Árido, em Petrolina-PE, para detecção de *X. campestris* pv. *viticola*, sendo 290 amostras provenientes do Estado de Pernambuco, 63 da Bahia três do Piauí e duas de Minas Gerais. Das 358 amostras analisadas, a

bactéria foi detectada em 197 (55%) amostras provenientes dos Estados da Bahia, Pernambuco e Piauí. Para a variedade Red Globe, 64,5% (127) das amostras estavam infectadas e para Itália apenas 8,6% (17). Com a ocorrência do período chuvoso no início de 1999, a doença foi detectada em mais de vinte novas áreas produtivas (2,5-4,0 anos) da variedade Red Globe.

Conclusão desta matéria na próxima edição

Controle Integrado de Pulgão na Aceroleira

Flávia Rabelo Barbosa
Pesquisadora da Embrapa Semi-Árido, Doutora em Entomologia

A Agricultura Familiar

Luiz Balbino Morgado